

Editorial

Educação Superior versus Ensino não regulamentado: As Universidades desaparecerão?

University education versus Unregulated education: Universities will disappear?

Marina Bucar Barjud¹

¹Faculdade de Floriano- FAESF. Editora-chefe da Revista da FAESF. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa da FAESF.

Nos últimos meses foram publicados vários artigos em redes sociais sobre o papel da Universidade no mundo atual. Alguns defendem que são instituições obsoletas para alguns cursos.

Os argumentos para isso são que o título não é necessário para encontrar um emprego do mesmo nível, demora-se 4 ou 5 anos em consegui-lo, se “perde tempo” aprendendo conhecimentos que para eles são desnecessários e não se transmitem conhecimentos necessários para o trabalho do dia a dia.

Como alternativa às Universidades eles oferecem cursos não regulamentados e vídeos em plataformas como o “You Tube”.

Considero esse pensamento imaturo e perigoso ao mesmo tempo.

Primeiramente deve-se deixar claro que todos não necessitam passar por uma Instituição de Ensino Superior para ser um excelente profissional desde o ponto de vista técnico e moral. Os ofícios técnicos são tão honrosos e necessários quanto os cursos de graduação, mas deve-se ser precavido quanto fala-se de “substituição”.

A questão enumerada anteriormente diz respeito a que tenha a mesma validade que os cargos ou ofícios onde existe um curso superior, como por exemplo administração de empresas, pedagogia, letras e outras, possam ser ocupados por pessoas sem uma formação regulamentada.

Para responder a essa questão é conveniente lembrar que a educação não oficial ou não regulamentada não é fiscalizada pelo Ministério de Educação, de maneira que a qualidade do curso depende unicamente do componente moral do coordenador. Consequentemente, o diploma expedido não pode ser admitido em concursos públicos nem em empresas de grande porte. Existem cursos não regulamentados tanto para tentar “substituir” um curso de graduação como uma pós-graduação, inclusive um doutorado, o que, particularmente, me parece um total desrespeito a toda a comunidade científica visto que não é um título obrigatório, sendo um título que deve ser alcançado para culminar uma trajetória acadêmica excelente, fazendo do doutor um “farol” de conhecimentos técnicos e morais e que ajude a sociedade e a seguinte geração com a sua experiência. Nada disso pode ser conseguido em um curso de poucos meses.

Acho que esse é o centro da questão. Talvez vivamos em uma sociedade tão superficial e egocêntrica que crê que é capaz de aprender em uns meses o que “tontos” aprendem em 4 ou 5 anos. O que muitos “influenciadores” vendem é que é possível aprender um idioma ou a tocar violão em um fim de semana; e muitos acreditam.

É verdade que existem vários exemplos de grandes empresários sem um curso superior, mas eles são pessoas extraordinárias, todos não somos extraordinários.

Por outro lado, Faculdade é mais do que apenas assistir às aulas, estudar e fazer exames. É um lugar de amadurecimento pessoal e estruturação de pensamento através das matérias organizadas para isso, de atividades de extensão, de pesquisa, estágios, etc. É um lugar para fazer networking, a pensar de maneira crítica e sistemática.

Muitos não vêm sentido nas matérias do básico, mas serão elas que darão uma base sólida para que os conhecimentos mais específicos possam ser assimilados e compreendidos de maneira profunda para que possa ser “resgatado” e interpretado em cada situação profissional. Essa é a verdadeira diferença entre profissionais “técnicos” que aprenderam apenas repetindo processos com outros mais experientes, verdadeiros profissionais. Os segundos sabem adaptar-se a cada situação por mais inusitada que seja, porque sabe o que está fazendo. O que apenas repete processos não é capaz de adaptar-se a nenhuma mudança ou imprevisto.

Não podemos negar que a Universidade tem suas limitações, a maioria fruto das mudanças tão rápidas e de que é necessário escolher os conhecimentos considerados principais em cada curso de graduação. Os planos de cursos não podem estar alinhados ao 100% com todas as atividades laborais de todos os cursos de graduação e pós-graduação.

Para superar essas limitações, são realizados cursos de extensão e de atualização. E nesse caso em concreto, para completar a formação, considero válidos os cursos não regulamentados tanto transversais (informática básica, idiomas) quanto os específicos, sempre com muita prudência na escolha. Além disso, o conhecimento através de vídeos pode ser válido, mas devemos escolher bem porque podem ser feitos por qualquer pessoa.

Também ressaltar que é interessante que vários “gurus” que defendem o fim das Universidades passaram por elas e o primeiro ponto que ressaltam no seu perfil é a sua vida acadêmica.

Por último, estatísticas oficiais mostram que, no Brasil, a renda média de quem tem nível superior ainda é mais elevada do que os que não têm.

Chegados a esse ponto, espero que, apesar de ser o caminho mais duro, os profissionais que queiram aperfeiçoar-se cada vez mais disfrutem desse número da Revista da FAESF.